

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Typographia de Paula Brito** — praça da Constituição n. 64, onde se assalga a 5000rs. por seis mezes para a côrte, e 6000 rs. para fóra, pagos adiantados. Na avulso, 420 rs.

A MARMOTA.

O Sr. Conde de Thomar.

A respeito de S. E. o Sr.—Antonio Bernardo da Costa Cabral—Conde de Thomar, lemos no *Portuguez*, n. 1884 o seguinte:

«—Tomando em devida consideração o distincto merecimento e longos serviços do Conselheiro de Estado Conde de Thomar, Par do Reino, Ministro e Secretario de Estado Honorario, e querendo dar-lhe uma prova da confiança que merece: Hei por Bem nomeal-o meu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto de S. M. o Imperador do Brasil, com o competente ordenado.

O Duque da Terceira, Par do Reino, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e Interino dos da Guerra, o tenha assim entendido e faça executar, com os despachos necessarios. Paço das Necessidades em 25 de Abril de 1859—Rei—Duque da Terceira. »

POLYPTON.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA
E SOUSA.

(Principiui no n. 1068. Continuação do n. 1033.)

Dizeis que era uma virgem christã espontaneamente votada á Deos, que orava ante o altar, e que se achava n'um desses instantes puramente psicologicos, em que a alma embebida em divinas idéas theophilas, se deleita nesse suave remanso de santas contemplações!

Era, pois, uma nova Magdalena, que meditando no amor do Christo, chorava os erros e os crimes de sua passada vida de peccados! Seu rosto se-mudava de côres, e quando pareceu mais calma, ella dice, como em suave allucinação:

A estatua fatal.

(LEGENDA ARTISTICA)

Em 1515 appareceu em Florença Pietro Torrigiani esculptor: era de bonita figura, moreno e indicava ter seus trinta annos. Sua physionomia era antes a do soldado que a de um artista, quer pela aspereza dos gestos e pelo timbre sonoro da voz, quer pelo franzimento continuo das sobran celhas, capaz de amedrontar os mais valentes Florentinos.

Chegava da Inglaterra, onde tinha por muito tempo trabalhado e incessantemente proclamava suas proezas entre os habitadores da Velha Bretanica. Amigo do ourives Marcone, mestre de Benvenuto Cellini, Pietro Torrigiani fazia-lhe diariamente uma visita. Vendo uma occasião os desenhos e os trabalhos do joven Benvenuto, elle disse-lhe:

— Vim a Florença para levar á Inglaterra o maior numero de artistas que puder. Fui encarregado pelo rei de um trabalho importante e desejo ter alguns Florentinos para ajudar-me. Como os desenhos são antes de um esculptor do que de um ourives, e tendo de executar uma grande obra em bronze, se quizeres vir comigo, ensina-me-te-hei e enriquecerás ao mesmo tempo.

A offerta era brilhante. Entretanto Benvenuto hesitou: deixou a Italia com seu cêo anilado e fulgurante de estrelas para enregelar seus sentimentos no meio dos frios

— E' meu filho! é meu filho!.. A minha alma estava na escuridão do crime, e a luz do arrependimento brilhou em minha alma! Um anjo desceu do céu até mim... E' meu filho! é meu filho!

— O' meu pae (dice então Emiliano), que momento! Aproveitemo-lo: seja elle um momento de triumpho para a natureza, e de prazer para a humanidade, coroado pelas flôres da religião! Ella está arrependida. O' meu pae, perdoai-lhe; e seja este instante de felicidade para nós todos. A morte, ou o eterno degredo de minha mãe de nada vos poderá servir; e o seu arrependimento, e o vosso perdão serão os mais bellos episodios da historia da vossa vida! Ah, meu pae! nunca o nosso amor proprio se-enche tanto de si mesmo, e tanto se-lisonjeia e orgulha, do que quando perdamos uma grave affronta; e é por meio do perdão unicamente que o homem se-assimilha a Deos. Ah, senhor, si tendes sabido soffrer como um philosopho até hoje, sabei tambem perdoar como um Deos!

Minha mãe conspirou contra vós, é bem verdade; ella vos-assassinou, mas Jesu Christo do alto da cruz bradava: « O' meu Pae, perdão para os meus algozes. » Ah, senhor, imitai-o; mostrai que vosso coração possui

novoeiros da Inglaterra! E apesar disso, quem sabe se accceitaria? Mas Pietro Torrigiani pronunciára na conversação um nome—era o de Miguel Angelo Buonarotti

— Vós o conhecestes? perguntou Benvenuto.

— Muito.

— Dizei-me o que pensais d'este desenho que eu fiz por um original d'esta homem divino? disse Cellini mostrando a Torrigiani a copia de um quadro de Miguel Angelo.

— E', debaixo de todos os pontos de visto, um desenho perfeito. Vem comigo, que eu te respondo pelo futuro.

Benvenuto pediu-lhe alguns dias para reflectir sobre a proposição que lhe fizera.

De repente, Pietro Torrigiani soltou uma violenta gargalhada!

— Que tendos, perguntou Benvenuto?

— Ah! ah! ah! Lembra-me uma antiga historia. Vou contar-t'a para que não deixes teus rivales calcarem tua gloria.

— Eu vos escuto, disse o artista, que devia ser um dia um dos mais temiveis espadachins da Italia.

— Representa-te, tornou Pietro, que Miguel Angelo e eu iamos juntos, ainda crianças, estudar na capella de Masaccio, na igreja do Monte Carmel. Elle tinha o máo costume de escarnecer de todos os collegas. Um dia, tanto praguejou, que levou-me ao extremo arrebatado, dei-lhe um tamanho soco, que senti as cartilagens dobrarem-

esse, o mais bello sentimento da religião christã! E' grande o sacrificio, é bem verdade, mas tanto maior será tambem a vossa gloria!

Nada tenho sobre a terra; perdi meu pae na infancia, não tenho parentes... ai de mim! no momento em que o crime me-rostitue minha mãe, faz-ei que a vossa virtude me-consERVE seus dias!

Já ninguém podia supportar esta scena, quando Augusto chegando-se a Laura, e poisando-lhe levemente a mão direita sobre um hombro, com voz um tanto commovida dice:

— Laura, estás verdadeiramente arrependida dos teus crimes?

— Olha meu filho!..

— Laura, tens forças bastantes para chorar uma vida tão cheia de horrores?

— Olha meu filho chorando!

— Laura, queres a vida?

— Para chorar lagrymas de sangue, dignas de meu filho; e para á custa dellas aleaçar de Deos o perdão dos meus delictos...

— Laura, queres um convento?

— Para a dôr, para a contricção, para as lagrymas e para uma morte christã.

— Oh, amor maternal, oh, natureza! como sois bellos até mesmo n'um coração criminoso! Laura, eu te-perdôo...

— Minha mãe!..

(Continúa.)

se pela violencia da pancada como se fosse uma obreia. Certamente o escarneckedor trará toda a sua vida o signal que lhe fiz.

E Torrigiani pôz-se a rir com mais vontade ainda. Suas palavras, porém, e seus risos exasperaram o joven Benvenuto, que exclamou voltando-lhe precipitadamente as costas:

—Torrighiani, esta soco que deste no maior esculptor da Illia ha de te fazer desgraçado! Ah! ousastes por as mãos em Miguel Angelo e rides-vos! Eu vos declaro enfão, não sómente que não vos seguirei á Inglaterra, como também peço-vos que nunca mais me visiteis... ou aliás saborei vingat o divino mestre!

Pietro retirou-se murmurando:

Isto far-me ha desgraçado!.. Que pateta!..

Formava melhor juizo d'este rapaz...

Mais tarde, depois de ter deixado numerosos trabalhos em Inglaterra, Pietro Torrigiani foi chamado pela corte de Hespanha, no momento em que esse puiz exercia sobre a Europa uma influencia soberana. Adorou ali muitas cidades com seus trabalhos; ora, esculpia um Christo maravilhoso; ora fazia para um mosteiro de frades Jeronymos, perto de Sevilha, um magnifico S. Jeronymo com seu leão; ora emfim executava para o mesmo Convento uma virgem com o menino-Deos, de tal belleza, que o Duque d'Arcos pediu uma semelhante ao celebre artista

—Agora, pensava Pietro, estou com minha fortuna feita! Eu quizera que Benvenuto estivesse aqui para dizer-me em que sou desgraçado! Minha reputação está firmada; a Hespanha inteira occupa-se com o meu nome; o Duque d'Arcos mesmo, o mais poderoso fidalgo do tempo, me encomenda uma estatua! Desgraça aos prophetas da desgraça! Benvenuto arrebatava de paixão se me visse de buril na mão para um tão grande Senhor como o Duque d'Arcos...

Com que fogo, com que ardente entusiasmo Torrigiani apraz-se em trabalhar! Elle quiz que a cópia sobrepujasse o original e passou os dias e as noites trabalhando e em breve a nova estatua ficou terminada.

Depois que os amigos do esculptor florentino admiraram lhe na officina o soberbo trabalho, Torrigiani correu ao Duque d'Arcos para annunciar-lhe que elle tinha á sua disposição a estatua da Virgem.

—Aqui tendes vossa recompensa, disse o grande de Hespanha, que mandou dar ao artista muitos sacos bem encordelados e contendo tal quantidade de moedas que este foi obrigado a chamar dois homens para o carregamento d'elles.

—Mil vezes obrigado por vossa generosa protecção, Senhor Duque, disse elle deixando o fidalgo

A vós consagro meu reconhecimento, — um reconhecimento sem limites.

O nobre Hespanhol disse ao esculptor que no dia seguinte iria elle tomar conta da estatua.

—Eu bem dizia! exclamou Torrigiani entrando na sua officina com os dous Commissarios. Sim, meus amigos, accrescentou elle dirigindo-se a alguns de seus discipulos que o esperavam, minha fortuna está feita. Gloria e dinheiro, nada me faltará de hoje em diante!

Depozeram os sacos sobre seu bahú. Torrigiani teve o desejo de abri-los ante seus amigos. O' srpreza! Os sacos continham simples maravedis!

—Contai, disse Torrigiani aos assistentes. Um de sous compatriotas encarregou-se de fazel-o.

—O que vale esta somma em moeda Florentina? perguntou o esculptor.

—Tudo isso não equivale a trinta ducados de nosso paiz, respondeu o Florentino.

A estas palavras, Pietro Torrigiani, arfando em colera, por se ver ultrajado d'esta sorte, jurou que o duque d'Arcos não levaria a estatua.

No dia seguinte, o duque apparece á hora determinada. Alguns carregadores o seguiam. Pareceu admirar muito a virgem de Torrigiani. Mas no momento em que elle mandava carregal-a, o artista com uma mão lhe lançou quasi na face um punhado de maravedis, e com a outra, armado de um martello, despedaçou completamente a estatua, exclamando:

—Escarneckestes de mim, duque d'Arcos... Restituo-vos o vosso dinheiro, restitui-me o meu trabalho.

Irritado o duque, arranca de um punhal seu secretario, porém, temendo alguma consequencia sanguinaria, oppõe-se a sua passagem, mas logo d'Arcos reflectio e, levantando-se, diz com uma voz de trovão:

—Affrontas-me, Torrigiani... has de arrepender te... adeus!

Pouco tempo depois o pobre artista Florentino era accusado de heresia. Lançaram-o n'um calabouço; cada dia interrogações odiosas. Andou de inquisidor a inquisidor, ate que a final foi julgado digno da pena capital. Louco, desesperado Torrigiani não chega até a evocação da sentença; ficou muitos dias sem comer e deixou-se morrer de fome para evitar a vergonha...

Suas ultimas palavras foram em recordação do horoscopo de Benvenuto Cellini: Estatua fatal!.. murmurou elle. Oh! para que eshofeteei eu Miguel Angelo!... Cellini augurou-me a desgraça!..

Conserva-se ainda em Sevilha um fragmento virgem da escultura de Torrigiani para o duque d'Arcos. E' uma mão de uma belleza incomparavel, muito conhecida na escola de Espanha.

Chamam-na — *la mano de la teta.*

(Do *Magasin d'Illustration.*)

ALVINA

ou

O EXISTIR DE UMA ROSA

(*Continuação do n. 1089*)

Alvina deixou tristemente cair a vista sobre o lago, re-erguendo-a depois ao ceo. Com as mãos comprimio o peito, e as lagrimas rolaram-lhe pelas candidas faces.

—Minha mãe! balbuciou ella n'um gemido; e depois de pequena pausa continuou:

—Vivo tão só neste deserto!.. Dias houveram em que o meu coração era risinho; porque tinha então uma carinhosa mãe, tinha um seio, onde podia inclinar a minha cabeça, uns labios, que beijavam-me, uns braços, que aperlavam-me, um coração como o meu.

O lugar que uma mãe occupa, ninguém jamais poderá obtel-o. Meu Deos, que mais resta-me neste mundo? Oh! a minha morada não é aqui, tudo isto enfastia-me!..

A donzella fez uma pausa, passou a mão pela frente e continuou: — Tres vezes teinho sonhado com um anjo, bello, de olhos azues, cabellos louros; que me tem dito—Alvina, nossa morada é lá onde está Deos, vem— e olhando-me com os seus encantadores olhos, convida-me a segui-lo. Os olhares seus cavaram-me um vacuo dorido no coração. Gosto de dormir porque sonho com elle. Quizera estar vendo-o sempre, dormindo ou acordada. Será elle, talvez o meu anjo da guarda! Eu o amo tanto como a Deos, porque foi quem illuminou o meu coração com luzes divinas.

A misera donzella oppressa pela dôr, emudeceu.

Nesse momento, por baixo do rochedo passava uma canôa, guiada por um mancebo.

—Alvina! exclamou elle com os olhos embebidos na sua figura, e abandonando o governo da canôa.

—Ah! meu Deos, é a sua voz!— clamou ella, e quando deu com o mancebo, ficou estatica.

—Anjo da minha alma e dos meus sonhos, si conhecesses o meu amor, avaliarias o meu sentimento. Eu te amo como os anjos ao Eterno, como os passarinhos o romper da aurora! O meu amor é puro como o rocio matutino... Alvina... Al... vi... na...

Foram os ultimos sons que chegaram aos ouvidos da joven donzella, porque uma pequena onda do lago, já então movida por fresca aragem, tinha impellido a canôa para longe.

Era noite e a lua magestosamente passeava no firmamento; Alvina sahio emfim do seu espanto, inclinou-se para as aguas, mas só lá ao longe viu um vulto que ia fugindo.

—E' elle, sim, bem o vi—disse ella ainda sobresaltada—foi Deos que enviou-me esta visão para consolar-me. E' o anjo da guarda de minha mãe, é elle que me guarda. Acordada é a primeira vez que apparece-me, e fallou-me tão pouco! Meu Deos—continuou ella elevando os olhos ao ceo—peço-vos que deis-me sempre essas visões, que mandeis-me sempre esse anjo, porque é de certo o de minha mãe. E' a minha consolação, o refrigerio das minhas dores. Ou então, levai-me para vós, tirai-me de sobre a terra. Assim não quero viver...

—Vem-te embora, Alvina—disse uma voz.

A joven tremeu, e voltando-se, deu com Margarida que a tinha vindo procurar.

V.

Que clarão é aquelle que do lado oriental se divisa?! Que altivas labare-

das, que parecem erguer-se até o céu? E' um incendio. E' o tugurio de Alvina, devorado por gigantescas chamas. Vozes linguas de fogo remoinham-se, enroscam-se, quaes damnadas serpentes e tudo destroem.

Com estrondo sibila o fogo e a sua luz illumina a grande espaço, sendo no lago reflectido o tremular das chamas.

E Alvina?

Ligeira voga uma canoa, costeando o lago e as aguas erguidas pelos remos brillam á charidade. Tres são os vultos que ella leva, e só de um é percebido o movimento, porque rema a bom remar. O fogo lava denso. Alguns visinhos camponeses, atrahidos pelo incendio, accodem, porém tarde, e só assistem ao ultimo tragar das fortes chamas.

A canoa, deslisando por sobre as aguas, conseguiu enfim aproar na margem opposta. Alvina que em todo o trajecto, se recostara no seio de Margarida, pôe pé em terra, sem notar no remeiro, que chegando-se ao pé della disse-lhe ao ouvido:

—Alvina, eu sou Gabriel, o teu anjo... adeus...

E de subito saltando na sua canoa, fez força de voga.

—Gabriel!—proferio a joven admirada—eu não sabia que eras tu! Gabriel...

Mas já bem longe nadava rapida a sua canoa.

—Sempre elle!—disse ella deixando cabir a cabeça sobre o peito.

—Elle quem?—perguntou Margarida, que ouvira-lhe as ultimas palavras.

—O meu anjo!

—Ah! meu Deus—suspirou a velha—tende compaixão della!

VI.

Lá, além do lago, via-se uma casinha de brancas paredes. Como se sahisse do denso bosque, que permanecia-lhe posterior, estacara á vista das aguas, como branca toalha collocada pela natureza, no começo do poetico campo.

Ahi, como o ninho solitario da araponga, morava agora Alvina.

Essa alegre casinha era propriedade de Margarida.

O incendio do tugurio ninguem soube se fora casual ou não.

Um dia estava Alvina assentada ao pé da porta. O sol ia esconder-se naquelle momento. A donzella meditava, descansando a cabeça nas mãos. De tempos a tempos, erguia a fronte, olhava melancolicamente tudo ao redor, lançava a vista além do lago, suspirava, tornando a cabir na sua prostração.

Começou-se a ouvir por intervallos, o ladrar de um cão, que ia-se tornando mais distincto.

E logo, echoou na floresta o estampido d'um tiro. Alvina ergueu-se cheia de espanto.

Poucos minutos depois, dous homens sahiram da floresta, e encaminharam-se para onde estava a donzella. Um destes homens, que joven era e mui lindo, vinha arrimado ao braço do outro, banhado em sangue.

Fitando-lhe Alvina os olhos, deu um grito, e, como allucinada, correu-lhe ao encontro.

—Gabriel!—exclamou ella tomando-lhe uma mão—Gabriel, sempre tu! meu Deus! estás ferido, esse sangue...

—Alvina, este sangue é meu, um triste desastre...

—Ah!... Gabriel...

VII.

Corre veloz a noite e voam as horas.

N'um quarto, apenas afugentadas atrevas pela baça luz d'uma candêa, suspensa n'uma parede, repousa Gabriel, o joven caçador. A rosada côr de suas faces fugira-lhe, substituindo-a mortal pallidez.

O vivo dos seus olhos azues, mudou-se em fria languidez, e os engraçados aneis do seu louro cabelo, espalhavam-se pelo travesseiro.

Os mortiferos dentes da—panthera—mal ferida, abriram-lhe uma mortal chaga.

O outro caçador sumira-se, talvez para ir avisar os parentes do joven ferido. Aos pés do leito estava o seu cão, que compadecido lançava os olhos para o seu senhor.

Todos os esforços de Margarida para curar a ferida foram baldados.

Cantaram os gallos a primeira vez.

Erguendo-se Alvina do oratorio, foi lançar-se de joelhos á cabecera do doente.

Gabriel, apenas a percebeu, lançou-lhe os seus languidos, porém lindos olhos.

—Alvina—disse elle com sumida voz—uma vez eu soubei com uma diuidade, que eras tu. Eu te adoro. Com um amor santo te venero!

(*Continúa.*)

AS

METAMORPHOSES DA MULHER

TRADUÇÃO DE BRAULIO CORDEIRO.

PREFACIO.

Eis-aqui certamente um estudo que nos vai demandar muito cuidado e attenção, e ao mesmo tempo causar-nos um doce prazer: tomar a mulher desde a mais tenra idade e seguir a em suas diversas transformações até á velhice e á morte. Seu encantador quadro a desenhar! que de finas e delicadas observações a transcrever! que de multiplices pormenores a pôr em relevo com mimo, com felicidade sobretudo com a singeleza da verdade, afim de formar um todo bello,

harmonioso e perfeito. que se poderá razoavelmente chamar a *Historia physiologica e moral da mulher!*

E' mister que se entenda que vamos tomar aqui por typo a mulher segundo Deos e a sociedade; a mulher santamente penetrada da grande missão que lhe é confiada de desempenhar entre nós, e marchando sempre firme e direita no caminho que a Providencia, nossas leis e nossos costumes lhe tem traçado. Este modelo gracioso e severo por essencia, nós o estudaremos sob todas as suas faces, em todos os seus desenvolvimentos; vel-o hemos crescer em graça e em virtude, em belleza e em intelligencia, em ternura e em dever e mesmo em razão, o que seguramente será a méta de sua perfeição.

Muito se tem já escripto e se escreverá ainda sobre a mulher: a mina é assás rica e fecunda! Nós mesmo, desde a nossa estrêa na carreira litteraria, sentimo-nos atirado muito particularmente para este campo tão fertil e tão extenso, e temos querido juntar tambem nossa modesta pedra a este monumento fememino, erguido por tantos aventureiros exploradores; monumento que será um dia, se nosso orgulho não se enganar, o da nossa inteira civilização. Porque é justamente sabido que, para conhecer-se o gráo de progresso e adiantamento de um povo, é mister consultar-se a mulher como um thermometro infallivel.

A influencia da mulher sobre a sociedade hoje, principalmente, não é contestada por ninguem. E' cousa exquisita e verdadeiramente digna de nota: a mulher tomada isoladamente, e entregue a seus proprios impulsos, não passa de um corpo inerte, sem iniciativa, sem vontade; para mudar sua fraqueza em força e desenvolver seus instinctos dominadores, ella tem necessidade de relacionar-se com um outro ser e de identificar-se com elle: um homem ou uma criança é, muitas vezes, tudo para ella. Ligada estreitamente a uma outra natureza a absorve hem depressa e se pôe em seu lugar: torna-se a sua alma, o seu pensamento, e, segundo o gráo de educação moral que tem recebido, do lacto fino que possui e do espirito que a natureza a tem dotado, ella eleva esse ente ou o avilta, o sustem ou o nullifica, o anima ou o extingue.

O legislador, baixando á sociedade sobre a familia, reconheceu como principio a emancipação da mulher, que é a alma e a vida da familia. Marcou assim o lugar que a mulher deve occupar, e ditou-lhe seu papel importante: impondo-lhe deveres, reconheceu implicitamente direitos incontestaveis. Estes direitos acham-se limitados ao lar domestico, e a mulher não pôdo ter o seu legitimo gozo, senão quando cumpre rigorosamente com os seus deveres de esposa e de mãe.

A sociedade deve portanto contar com a mulher e derramar sobre ella toda a sua felicidade esclarecida. E deve, não por uma instrução ligera e superficial, mas por uma educação forte e seria, preparal-a cedo para exercer com subedoria, com discernimento e com grandeza o imperio que tem conquistado no seio da vida privada. Nosso futuro, nossa prosperidade, e nossa gloria dependem da mulher, anjo de bondade que Deos na terra collocou!

E é por isso que queremos mostrar hoje

a mulher tal como comprehendemos, e tal como deve ser em nossos costumes civilisados; é por isso que pretendemos seguir-a a par e passo no caminho de seu destino, desde o berço até a tumba; que desejamos enfim estudar-a com um cuidado minucioso em todas as suas metamorphoses, como um sábio ethimologista, armado de sua lente, estuda as de uma borboleta.

Esperamos que a importancia do objecto atraia a attenção do leitor e o chame para o terreno que vamos trilhar. Não somos partidario absoluto da escola dos escriptores que pretendem que, para corrigir-se um vicio, é mister apresental-o em toda a sua fealdade repugnante; julgamos ao contrario que se pode chegar a produzir o mesmo effeito, attingir ao mesmo fim pelo exemplo do bello, do bem e do perfeito. Tirando nosso modelo do da generalidade das mulheres, os homens verão o que resta fazer para a sua educação moral, sem o que, já o dissemos, a mulher não é para a sociedade senão um agente de desolação e de ruina, um abysmo insondavel de males e desgraças.

MORPONT.
(Continua.)

O canto do Indio.

AO MEU AMIGO POETA
JOSÉ DE MORAES SILVA

« Piroga, minha piroga,
« Voga, voga a bom vogar,
« Que inda temos muito rio,
« Muitas aguas que cortar. »

« Vem cahind» a tarde amena,
« Vejo a brisa sussurar,
« Vejo o dia declinando,
« E o Noitibó pipitar.

No seu ruda Maracá
Vai um Indio descantando;
Vai correndo a linda balsa,
Vão as aguas murmurando.

« Vejo Céu e tambem aguas,
« Vejo matas e vergeis,
« Vejo balsas, vejo pidros,
« E silvar as cascaveis.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo palmeiras luzentes,
« E formosos geribás;
« Vejo mangueiras soberbas,
« Onde cantam sabiás.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo um soberbo Tapi
« Lá junto do Aningal,
« Com um anzol empenado
« Com as pennas de um pardal.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo lá longe pulando
« Formoso Tucunaré,
« Entre as vejetas esquadras
« De comprido Mururé.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo o bello cacho preto,
« Do soberbo Asayzeiro,
« Que na margem da corrente
« Se reclina sobranceiro.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo lá n'aquelle valle
« Um magestoso pinheiro,
« E um indio descansando
« A' sombra d'um castanheiro.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Canta airo-a saracura;
« E nas ramas do Umidy
« Vejo o bello azul celeste
« Da plumagem do sahy.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Lá n'aquelle Bavecheira
« Vejo o sanguineo Tié,
« E cantar vejo a sannan
« Lá n'aquelle Igarapé.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo coberto de esmolte,
« Um mimoso beija-flór,
« A imagem das mulheres
« E do seu — Eterno — amor.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo a maitaca dengosa,
« Da esperançosa roupagem,
« No jequitibá poisada,
« Catando sua plumagem.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Vejo a noite vir chegando,
« E os passaros pernoitar;
« Vejo no céu alvas estrellas
« Começarem a brilhar.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Corre, corre, minha balsa,
« Estas aguas vai cortando;
« Corre, corre, já e noite
« E o vento está soprando.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Já lá eu vejo distante
« Minha cabana gentil,
« Onde passei os meus annos.
« A minha idade infantil.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Irei ver os caros filhos
« Lá na rede embalaçando,
« Com o triste Jacamy
« Que lá vejo estar cantando.

« Piroga, minha piroga, etc. »

« Já diviso aqui bem perto
« O formoso Urucusaí;
« Já vejo a minha palhoça
« E dos pombos o casal.

« Piroga, minha piroga,
« Cessa d'agua tu cortar;
« Pára, pára, que já vejo
« Os meus filhos me chamar. »

Em viagem. Por Barbosa Junior.

A um anjinho

Foi um anjinho do céu
Que do mundo s'ausentou!
Foi do jardim de tu'alma
Mais uma flôr que murchou!

Foi um anjinho, e um anjo
Não mereca nossa dôr,
Que a desdita não existe
Lá nos lures do Senhor.

Nobre mãe secca esse pranto;
Ao teu filhinho adorado
Deixa que goze o lugar
Já por Deos predestinado.

Choras por vér desmaiada
A flor da tua esperança?
A seiva faltou lhe n'alma,
No seio de Deos descansa!

Foi um anjinho do céu
Que do mundo s'ausentou!
Foi do jardim de tu'alma
Mais uma flôr que murchou!

O HOMEM DE LETRAS.

O literato é, por excellencia, o discípulo da natureza; tudo o que elle offerece de bello e bom, amavel e grande, nelle se reflecte, combina-see fecunda-se em sua alma; parece que não vive senão para receber e communicar suas bellas e noções, servindo-lhe a natureza de principio, meio e objecto.

O literato é tambem discípulo da arte; porque tudo o que elle aprende e sabe, torna-se n'um manancial inexgotavel de pesquisas e observações, e de principios e emoções reflectidas. O literato revolve, querend, tudo o que antes d'elle se fez, assim como igualmente o que em torno de si se opera. Dir-se-hia que a sua alma é duplices, porque sente e combina ao mesmo tempo, e nunca reflecte senão para melhor sentir. O enthusiasmo, que inflamma as suas idéas, é a mesma luz que as aclara; e quando de si mesmo elle faz o seu ponto de partida, como sua principal riqueza, então, amoldando-se ás circumstancias, o literato sabe exaltar-se ou acalmar-se; dirigir ou desordenar seus pensamentos; e reter ou propagar suas idéas; e extrahindo de si, como homem, tudo o que lhe pôde servir como escriptor, expõe em proveito publico não só as suas virtudes e defeitos, mas tambem os seus prazeres e as suas dôres!

Laetelle aine.

Trad. por L. M. do Couto.

Charada.

Sou mui simples, mas tão grande,
De tão bella jerarchia.
Que entre as grandezas exprimo
A maior cathogoria..... 1

Eu descendo de um pronome
Que p'ra mim não tem valor,
Pois quando de mim se servem,
Dirigem-se a ti, leitor..... 1

CONCEITO.

Não me ama o feliz, nem me deseja,
Pois lhe roubo a mundana flicidade;
O desgraçado, sim, busca ansioso
Gozar por mim superna Eternidade!

L. M. do Couto.

— A decifração da charada do n. antecedente é *Pharsalia*.

Typographia de Paula Brito

64 — Praça da Constituição — 64